

PODE UM PARAENSE DAR-SE A SURPRESAS SENSORIAIS VISITANDO O VER-O-PESO? SOBRE UMA INCURSÃO NÃO USUAL NO CAMPO¹

Ney Gomes²

Em Belém é mais um ordinário dia quente e úmido de um julbo qualquer, estou andando pelas ruas da cidade desde as 9 da manhã, ao meu lado, com mil perguntas e toneladas de entusiasmo, minha amiga Rafa, que me visita e quer conhecer “toda a cultura paraense”. Eu, disposto a mostrar os orgulhos da cidade das mangueiras, inicio nosso tour dentro de um Pedreira-Lomas em direção à Estação das Docas, para, dentro do meu roteiro “bem pensado”, mostrar-lhe o rio, mas amenizar o impacto do Ver-o-Peso. Sim, amenizar era a palavra mais eufêmica que me vinha à cabeça quando eu pensava em levar pessoas à feira paraense. Aqui, cabem duas ou três confissões: 1 – eu jamais havia comido no Ver-o-Peso antes da visita da Rafa; 2 – eu nunca o tinha “apreciado” de fato, até aquele dia; 3 – e nunca vi um pôr-do-sol, ou nascer da chuva, tomando uma gelada no “veropa”, programa típico de muitos belemenses. Não obstante, hoje este cartão postal, é meu objeto de estudo. Se eu fosse continuar no campo das confissões, diria ainda que não sou “dado às feiras, mercados” e congêneres, algo quase agorafóbico... mas sigo com a história!

Passamos pela Estação das Docas e, depois da civilidade quase asséptica, me dirigi à “confusão”. Aos menos foi assim que meu espírito se preparou – nesta hora pensei em minha avó, que sempre insistia em me levar no Ver-o-Peso, malgrado meus protestos, e só me vem à cabeça a frase que ela poderia usar como admoestação: deixa de pavulagem menino, me admiro é de ti!

¹ Nota de pesquisa em andamento, parte do projeto de doutorado “Para além da arquitetura, a construção da paisagem através dos olhares e usos do Ver-o-Peso: Uma etnografia visual do patrimônio”. E-mail: ney.gomes@gmail.com

² Doutorando em Antropologia com ênfase em Arqueologia UFPA/2017. Suas áreas de interesse são: Arqueologia Histórica, Educação Patrimonial, Antropologia Visual e da Imagem, Etnografia Visual e Urbana.

Quando se chega ao Ver-o-Peso pelo Boulevard Cartilhos França, nossos ouvidos são invadidos por uma mistura de sons: música alta, trânsito pesado, motores de barcos ao fundo, vozes oferecendo mercadorias, preços sendo gritados, risos, conversas sussurradas e outros rumores indistintos. Talvez porque pela primeira vez estava “levando alguém” ali – sempre fui só ou levado; talvez por me dispor a estudar aquele espaço, eu me comecei a construir uma expectativa e fui chamado de volta pela exclamação da Rafa – Por onde iremos começar?

Cruzamos o estacionamento, desviando da parte onde vendem roupas, e fomos para próximo onde atracam alguns barcos de linbas intermunicipais. Começamos a visita do meu “objeto de estudo” pela parte de cima. À medida que a Rafa me fazia perguntas, ou que eu via algo e lhe queria explicar, fui percebendo o quanto desconhecido, e em alguma medida, aquele lugar era novo para mim. Mesmo se o tinha tantas vezes visitado, sempre sem nenhum interesse.

Os cheiros mudavam de seção a seção. Senti o inconfundível cheiro das águas turvas da baía do Guajará, depois cheiro de farinhas e camarões, maniva sendo moída, maniva sendo cozida – eu adoro explicar para estrangeiros sobre as particularidades da maniçoba e não deixo passar a possibilidade de ao menos 6 pessoas terem morrido para que ela exista – piada velha. Havia ainda o odor agradável das ervas diversas dos banhos de cheiros, além da amabilidade que abraça de suas vendedoras – Rafa comprou um “achega-te a mim” e recebeu conselhos sobre o uso de outros “feitiços”. Seguindo pelo mundo dos cheiros, tinha ainda o odor azedinho de tucupí, mandioca recém descascada e barro queimado.

O Ver-o-Peso, para a Rafa, e muito para mim, estava sendo uma festa, uma balburdia sensitiva. Para além dos sons e dos cheiros, a visão, tato e o paladar participaram desta algazarra dos sentidos. As cores, as formas, os contornos, dos objetos, frutos ou da paisagem me pareciam estonteantes. Jogar punhados de farinha na boca, pegar lasquinhas de frutas para provar se estavam doces, ver a maniva, em um tom verde que deveria ser classificado como “verde maniva” sendo expelida pela máquina de moer, tudo me causava espécie.

Dentro do mercado de ferro, o pitiú de dezenas de espécies diversas de peixes e outros mariscos. No outro mercado se cheirava velas derretendo, comida temperada com coentro e carne crua.

Depois de sair do mercado de carne, voltamos para a feira e, em uma das seções nossos estômagos foram invadidos pelo cheiro de peixe frito e açaí sendo batido. Nos sentamos e os estímulos sensoriais nos faziam rir, pensar, especular e fazer muitas afirmações sobre cultura, tradição, patrimônio cultural, possibilidades de estudo, divagações das mais diversas... eu havia percebido que estava impactado, pela primeira vez, pelo meu objeto de estudo. Confessei à Rafa que o que estava vendo com ela era muito diferente do que descrevi, quase de forma idílica, no meu projeto de doutorado... nossa conversa foi interrompida abruptamente por dois fatos: nosso peixe com açaí chegou e uma moça começou a ser tatuada ao nosso lado e praguejava de dor.

Visualmente a paisagem do Ver-o-Peso quase atordoia, dado a multiplicidade de estímulos oferecidos. O Mercado não é só um lugar, é uma experiência que junta paisagem, com

uma arquitetura icônica para a cidade, e pessoas produzindo sons, cheiros, cores, texturas e diversos sabores; nas palavras de Ingold (1993) uma “*taskscape*”³ (Edgeworth 2016; Hicks 2016), possível de ser percebida a partir dos seus habitantes e frequentadores, da economia mobilizada em seus espaços, pela natureza que o circunda e dele faz parte e também seus usos como um espaço público (Ingold 1993: 158-60). Quando lá vou, sinto-me um pouco como Hamilakis (2014), quando passeava por Londres num ensolarado e quente novembro, descrevendo suas percepções e depois escrevendo sobre a era da sensorialidade⁴, onde os “sentidos” estão [estimulados] em todos os lugares: nas propagandas, em uma seção de supermercado com o cheiro de pão quentinho, nos corredores dos shoppings, em museus, galerias, patrimônios culturais e em diversas literaturas e discussões acadêmicas (Hamilakis 2014: 59-60).

Hamilakis (2014) propõe discussões sobre as possibilidades de perceber os espaços pelos sentidos e o faz pondo a arqueologia como a lente para as inferências. Em outro texto, o mesmo autor faz uma instigante reflexão sobre “Arqueologia Etnográfica”, a qual classifica como um emergente campo interdisciplinar/transdisciplinar, que pode propiciar uma colaboração maior entre antropologia e arqueologia; sendo a Arqueologia Etnográfica (e não etnoarqueologia) definida como um espaço transcultural para múltiplos encontros, conversas e intervenções, envolvendo pesquisadores de diversas disciplinas e públicos diversos, e centrados em materialidade e temporalidade (Hamilakis 2011). As reflexões de Hamilakis (2011, 2014), e outros pesquisadores que têm discutido as intercessões entre Etnografia e Arqueologia (Castañeda 2006; Castañeda 2008; Castañeda et al. 2008; Edgeworth 2003, 2006, 2016; Hamilakis e Anagnostopoulos 2009), têm-me servido de questão para, a partir da Etnografia Visual e da Arqueologia, refletir sobre os usos e apropriações feitos do Ver-o-Peso. As reflexões continuam, as visitas ao Mercado estão cada vez mais interessantes, os sentidos ainda são surpreendidos, mas hoje a surpresa não vem do assombro.

Referências

- Castañeda, Q. E. 2006. The Invisible Theatre of Ethnography: Performative Principles of Fieldwork. *Anthropological Quarterly* 79 (1):75-104.
- Castañeda, Q. E. 2008. The ‘ethnographic turn’in archaeology: research positioning and reflexivity in ethnographic archaeologies. *Ethnographic archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices*: 25-62.
- Castañeda, Q. E., R. Handler, J. Hollowell, M. P. Leone, G. Nicholas, K. A. Pyburn, e L. J. Zimmerman. 2008. *Ethnographic archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices*. AltaMira Press.
- Darvill, T. 2008. *Concise Oxford Dictionary of Archaeology*. OUP Oxford.
- Edgeworth, M. 2003. *Acts of discovery: an ethnography of archaeological practice*, BAR international series. Oxford, England: Archaeopress : Available from Hadrian Books.

³ O termo “*taskscape*” não tem nenhuma tradução possível em português que servisse a explicar seu uso aqui. O termo proposto por Tim Ingold (1993) derivou da desconstrução do termo “landscape”, paisagem, e desde então criou grande interesse e encontrou uma aplicação considerável, para se referir a todo o conjunto de tarefas ou ações que uma sociedade, comunidade ou indivíduo realiza em um espaço (Darvill 2008).

⁴ Ver Porcello et al. (2010) em suas interessantes discussões sobre o interesse pela sensorialidade na antropologia – A Organização do mundo sensorial.

- _____. 2006. *Ethnographies of archaeological practice: cultural encounters, material transformations*, *Worlds of archaeology series*. Lanham, MD: AltaMira Press.
- _____. 2016. Phenomenology of Landscapes and Taskscapes in Excavation Archives. *Norwegian Archaeological Review* 49 (1):26-29.
- Hamilakis, Y. 2011. Archaeological Ethnography: A Multitemporal Meeting Ground for Archaeology and Anthropology. *Annual Review of Anthropology* 40 (1):399-414.
- _____. 2014. Recapturing Sensorial and Affective Experience. In *Archaeology and the Senses: Human Experience, Memory, and Affect*, editado por Y. Hamilakis. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hamilakis, Y., e A. Anagnostopoulos. 2009. What is Archaeological Ethnography? *Public Archaeology* 8 (2):65-87.
- Hicks, D. 2016. The Temporality of the Landscape Revisited. *Norwegian Archaeological Review* 49 (1):5-22.
- Ingold, T. 1993. The temporality of the landscape. *World Archaeology* 25 (2):152-174.
- Porcello, T., L. Meintjes, A. M. Ochoa, e D. W. Samuels. 2010. The Reorganization of the Sensory World. *Annual Review of Anthropology* 39 (1):51-66.